

AS MANIFESTAÇÕES NO PARANÁ: NA DERIVA DOS SENTIDOS

Andrêssa dos Santos Galvão¹
Luciana Iost Vinhas²

RESUMO: O presente artigo tem como finalidade discutir sobre o processo de constituição e de circulação de sentido a partir de materialidades linguísticas produzidas nos manifestos ocorridos no Paraná em 2015. A pesquisa compreende uma concepção de língua enquanto processo heterogêneo e com falhas, à luz da Análise do Discurso de linha francesa, sendo indispensável a sua relação com os movimentos sociais e históricos que a constituem. A análise busca refletir sobre as diferentes produções de sentido ocasionadas pelas materialidades em foco, alertando para o processo de deriva gerado pela materialidade analisada. Para tal, utilizou-se no dispositivo analítico as concepções de estranhamento, equívoco, Formação Discursiva e consideraram-se as condições de produção das materialidades.

PALAVRAS-CHAVE: Língua; equívoco; estranhamento; Formação Discursiva.

ABSTRACT: The present paper aims to discuss the process of constitution of the meanings, as well as the process of circulation of the meanings, taking into consideration the linguistic materialities produced in the manifests which took place in the state of Parana in 2015. The research understands that the language is a heterogeneous process. We also understand that the language is composed by flaws, because we view these processes through the French Discourse Analysis, which does not separate the language from the social and historic movements that constitute it. The analysis tries to reflect on the different meaning productions occasioned by the materialities selected for the research, pointing to the changes generated by these materialities. To do so, we worked with some notions taken from the theory, such as estrangement, mistake, and Discourse Formation, as well as the production conditions of the materialities.

KEYWORDS: Language; mistake; estrangement; Discourse Formation.

Introdução

Pensar sobre a relação entre ideologia e sentido aponta, inevitavelmente, para a necessidade de se refletir sobre as materialidades nas quais a ideologia ganha existência material. Longe de uma concepção idealista, na qual a ideologia seria compreendida como campo das ideias, na perspectiva marxista a ideologia constitui as práticas humanas, sendo relacionada ao processo de evidência do sentido. A língua, compreendida como uma das formas de existência material da ideologia, é, sob o enfoque teórico da Análise do Discurso de tradição pêcheuxtiana, heterogênea, sujeita a falhas e equívocos. Dessa forma, podem aparecer na língua estruturas que rompem com a regularidade do sistema e que, para a Análise do Discurso, são

¹ Pós-Graduanda do Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Linguística e Ensino de Língua Portuguesa da Universidade Federal do Rio Grande (FURG). E-mail: dessahgalvao@gmail.com

² Professora de Língua Portuguesa e Linguística na Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Doutora em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: lucianavinhas@gmail.com

materialidades que colocam em circulação elementos de extrema importância para a compreensão do processo de constituição do sentido.

Pensando nisso, o presente trabalho tem como objetivo analisar duas materialidades linguísticas. Foram selecionados dois sintagmas nominais expostos em cartazes produzidos para o protesto dos professores em frente à Assembleia Legislativa do Paraná em abril de 2015. São eles: “Beto Hitler” e “Beto Lincha”, que fazem alusão ao nome do Governador do Estado do Paraná, Beto Richa. Os elementos linguísticos “Hitler” e “Lincha” serão analisados a partir de pressupostos teóricos da Análise do Discurso.

Os cartazes foram produzidos para uma manifestação em Curitiba e tiveram grande repercussão. A análise dessas duas materialidades linguísticas justifica-se pelo fato de ambas se utilizarem do nome de uma figura central dos manifestos e chamarem a atenção para o quadro histórico e social em que foram veiculadas. A circulação dessas materialidades linguísticas está vinculada a uma situação de repressão e de violência em um país que se diz democrático, daí a importância de analisar o porquê desse jogo de palavras e as condições sócio-histórico-ideológicas de produção do discurso.

Nesse sentido, algumas noções que constituem o dispositivo teórico-analítico da Análise do Discurso foram mobilizadas para compor o presente debate. Consideramos necessário compreender o funcionamento discursivo a partir das noções de estranhamento, formação discursiva, língua e equívoco, as quais possuem um papel essencial no processo de constituição e de circulação dos sentidos (cf. ORLANDI, 2005). A análise da estrutura das duas materialidades permitirá perceber como a deriva linguística dos sintagmas ocasiona, já de início, o estranhamento, e de que forma constitui um equívoco. A análise se utilizará dessas noções para compreender e justificar a formação discursiva de onde são resgatados os saberes colocados em circulação pelas materialidades selecionadas.

Fundamentação teórica

A Análise do Discurso de linha francesa é compreendida como uma teoria materialista dos sentidos, que considera a língua na sociedade e na história, entendendo como necessária a intervenção da ideologia no processo de constituição e de circulação dos sentidos. Dessa forma, ao examinar as questões linguísticas, o analista do discurso considerará a história e a ideologia, bem como as condições sócio-históricas de produção do discurso.

A língua na AD é considerada em sua forma material enquanto ordem significativa suscetível de equívoco, de deslize, de falha, isto é, a língua deixa de ser autônoma, conforme

compreensão do estruturalismo, e passa a ser um sistema passível de perturbações, rupturas e mal-entendidos. Pode-se inferir, portanto, que a língua, na Análise do Discurso, não pode ser entendida como a mesma língua da ciência linguística, pois possui um funcionamento ideológico e, em função disso, as suas formas materiais estão investidas desse funcionamento ideológico (cf. LEANDRO-FERREIRA, 2000).

O que para alguns estudiosos da linguagem é visto como problema, na AD é considerado como materialidade de extrema importância. A língua não é concebida como instrumento de comunicação ideologicamente neutro ou como código, mas é admitida como lugar material de efetuação dos processos discursivos, oportunizando a circulação dos sentidos.

Relacionando a Análise do Discurso à teoria psicanalítica, a qual é constitutiva do seu quadro epistemológico (cf. PÊCHEUX; FUCHS, 1997), é preciso compreender que a materialidade linguística é constituída pelo Real, ela é afetada pelo Real, o que implica em um escape à univocidade. O Real é o impossível, como se compreende na teoria lacaniana, o que significa que sempre existirá um furo, constitutivo da subjetividade e, por conseguinte, do processo de constituição e de circulação dos sentidos. O furo é o que permite o escape, e é esse escape que corrobora com a impossibilidade de se dizer tudo na língua, ou seja, há elementos da exterioridade (e do desejo do sujeito, constituído socialmente) que afetam os sentidos do discurso.

O seu alcance, nessa perspectiva, é mais amplo e possui um caráter singular, visto que passará de uma forma puramente linguística para uma forma material, e a consideração da dicotomia forma/conteúdo não será primordial na análise. A língua é importante na Análise do Discurso ao ser considerada um dos elos essenciais que compõem o quadro discursivo. Sobre a visão da Linguística, Orlandi (1999, p. 16) diz que “Nessa confluência, a Análise de Discurso critica a prática das Ciências Sociais e a da Linguística, refletindo sobre a maneira como a linguagem está materializada na ideologia e como a ideologia se manifesta na língua”.

Vista dessa forma, a análise não recorrerá à tendência sistêmica da língua, pois considerará os critérios de explicação exteriores a ela, ou seja, a análise recorrerá aos fatos da língua de modo a incorporá-los ao material central de investigação, que serão tratados como integrantes da estrutura. E é esta maneira de refletir sobre a linguagem que determina o tratamento a ser dado às questões que importam ao discurso e ratifica uma identidade e especificidade própria dessa teoria. Logo,

[...] a Análise de Discurso não trabalha com a língua enquanto sistema abstrato, mas com a língua no mundo, com maneiras de significar, com homens falando, considerando a produção de sentidos enquanto parte de suas vidas, seja enquanto sujeitos seja enquanto membros de uma determinada forma de sociedade. (ORLANDI, 1999, p. 16)

A partir desse olhar, a língua será considerada como heterogênea por formação, contraditória e dotada de natureza instável, o que acarretará um trabalho com o equívoco, pois é do encontro entre o real da língua e o real da história que se abre a possibilidade de analisar o equívoco (cf. GADET; PÊCHEUX, 2004). É a partir daí que Pêcheux admite que a AD opera com um conceito de língua voltada ao equívoco. Sendo assim, “o equívoco irrompe como um lugar de resistência que é inerente à língua e à sua constituição e compatível com a natureza instável, heterogênea e contraditória de um sistema não-fechado” (LEANDRO-FERREIRA, 2000, p. 15).

Isso significa que o equívoco afeta a língua sob diferentes formas, uma vez que se encontra encoberto sob diferentes marcas linguísticas, ele se corporifica e tem grande relevância na produção de sentidos. Sua manifestação pode dar-se a partir da falta, do excesso, do estranhamento, do repetido, do parecido, do absurdo, etc. O que se percebe em comum é o rompimento do fio discursivo e o impacto efetivo na condição de fazer e desfazer sentidos.

Esse rompimento se dá porque a língua é um sistema sintático no qual as marcas significantes da língua são capazes de deslocamentos, de transgressões e de rearranjos. Logo, o equívoco da língua pode ser compreendido como lugar de encontro entre o *sentido*, a *sintaxe* e o *discurso*, espaço em que se deve perceber onde há a ruptura no fio condutor do discurso, mas não deixando de considerar que o equívoco pode ocorrer em outras estruturas que não somente a estrutura sintática (cf. PÊCHEUX, 1995).

Partimos então para a noção de formação discursiva, em que o analista compreenderá o processo de produção dos sentidos, a sua relação com a ideologia e estabelecerá regularidades no funcionamento do discurso. Conforme Pêcheux e Fuchs (1997), compreende-se como formação discursiva aquilo que, numa dada formação ideológica, determina o que pode e deve ser dito, pois as formações discursivas representam no discurso as formações ideológicas. Para os autores,

[...] a *espécie* discursiva pertence, assim pensamos, ao *gênero* ideológico, o que é o mesmo que dizer que as formações ideológicas [...] “comportam necessariamente, como um de seus componentes, uma ou várias *formações discursivas* interligadas que determinam o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma harena, um sermão, um panfleto, uma exposição, um programa, etc.) a partir de uma posição dada numa conjuntura”, isto é, numa

certa relação de lugares no interior de um aparelho ideológico, e inscrita numa relação de classes (p. 166-167, grifos dos autores).

Percebe-se que a concepção de formação discursiva se relaciona diretamente com a noção de ideologia. O sujeito, interpelado pela ideologia, é tomado como princípio organizador da formação discursiva, ou seja, dentro de uma formação discursiva há regulações sobre o que se pode ou não dizer, e o sujeito se encontra identificado com formações discursivas, pois é nesse processo de identificação com saberes que ele se subjetiva. Vale lembrar que uma formação discursiva está inserida, historicamente, no interior de determinadas relações de classes, o que pode resultar na integração com novas formações discursivas, que, por sua vez, se constituem no interior de novas relações ideológicas.

Logo, a partir de posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada, o sujeito produzirá discursos que refletirão os saberes de uma formação discursiva, ou seja, as palavras derivam seus sentidos das formações discursivas em que se inscrevem, e refletirão, por conseguinte, uma formação ideológica. Pode-se inferir, portanto, que o sujeito é assujeitado a uma determinada ideologia que regula o que pode ou não ser dito em uma conjuntura histórico-social.

Além disso, as formações discursivas não podem ser concebidas como um espaço homogêneo e fechado, uma vez que se encontram envoltas por elementos advindos de outro lugar, o que se chama, em Análise do Discurso, de “pré-construído”, os quais podem se aliar ou se confrontar nesse espaço. Dessa forma, pode-se dizer que uma formação discursiva é constituída por um conjunto de paráfrases, uma vez que é um espaço em que enunciados são retomados e reformulados, ou, como dizia Pêcheux em seus textos iniciais, uma formação discursiva pode ser compreendida como uma “matriz de sentidos”. O que se acrescenta a essa matriz é a possibilidade de discursos outros emergirem em seu interior, dada a sua constituição não homogênea e aberta à intervenção do diferente.

Cabe chamar atenção para a noção de *estranhamento*, uma vez que, no corpus da análise, surgem elementos da ordem do inesperado, como será visto em seguida. Quando em uma dada materialidade discursiva percebe-se uma quebra da ordem esperada, haverá um desvio no efeito de sentido esperado. O estranhamento é interpretado a partir do intradiscurso (materialidade discursiva) e do interdiscurso (conjunto de saberes já-ditos), visto que a presente análise compreende o objeto inscrito na relação da língua com a história.

Tomamos a noção de estranhamento a partir do trabalho de Ernst (2009), para quem esse conceito possui como características a imprevisibilidade, a inadequação, e o

distanciamento do que é esperado, o que pode (ou não) romper com a linearidade do discurso. O *estranhamento* é considerado uma estratégia discursiva que expõe conflitos entre formações discursivas e apresenta elementos intradiscursivos e interdiscursivos, que podem ser considerados ex-cêntricos, ou seja, chama atenção para o que se situa fora do dito e que incide na ordem significativa, marcando uma desordem no enunciado.

É fundamental para a análise pensar sobre as condições de produção das materialidades discursivas, que materializam o contexto histórico. Isso se dá porque a análise percorrerá o contexto mais imediato (ligado ao momento da interlocução) e o contexto mais amplo (como a ideologia), conforme pode ser verificado em Orlandi (1999), quando a autora fala sobre as condições de produção estritas (o contexto mais imediato) e as condições de produção amplas (o funcionamento sócio-histórico-ideológico). É importante salientar que o sujeito não tem acesso às reais condições de produção do seu discurso, uma vez que representa essas condições a partir das formações imaginárias, ou seja, ele não é livre para dizer o que “quer” (ou o que a ideologia deseja que ele reproduza). Isso se dá porque o próprio lugar que ocupa, no interior de uma dada formação ideológica, determina o seu discurso.

Para a construção da significação será relevante perceber qualquer variação relativa às condições de produção, uma vez que concebemos o contexto sócio-histórico-ideológico como constitutivo dos processos de significação. Logo, pode-se citar como mecanismo de efeitos de sentido, desde o lugar que ocupa o sujeito na formação social, ou o registro, até relações entre a formação discursiva e a formação ideológica. Orlandi (1999, p. 162) chama atenção para as condições de produção ao relacionar o nível linguístico e o discursivo: “tratando-se das condições de produção, uma forma de se integrar, na consideração do sentido, além do contexto, o aspecto histórico, é através da reflexão sobre a relação entre o linguístico e o discursivo”.

Isto é, não há separação categórica entre o linguístico e o discursivo, pois a relação que se estabelece se dá por meio das condições materiais de base (linguístico) e processo (discursivo). É fundamental perceber essas relações como constitutivas do processo discursivo e verificar até onde a não linearidade das materialidades incide sobre a cadeia significativa do discurso.

Condições de produção

Curitiba vivenciou cenas de inconformidade e violência no ano de 2015, mais precisamente no mês de abril. Professores da rede estadual de ensino, apoiados por outras categorias, foram às ruas protestar contra o projeto de lei que promovia mudanças no custeio

do Regime Próprio da Previdência Social dos servidores estaduais, o qual faz parte do chamado “pacoteço”. O projeto, além de cortar benefícios dos servidores, altera, de forma significativa, o pagamento de proventos e de pensões, projeto de lei organizado pelo governador Carlos Alberto Richa.

Beto Richa, como é comumente chamado, atua na política há pelo menos vinte anos e é filiado ao Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB). Atuou como Deputado Estadual do Paraná, foi Vice-prefeito, Secretário de Obras Públicas e Prefeito de Curitiba, e, atualmente, é Governador do Paraná pelo segundo mandato consecutivo (foi reeleito no processo eleitoral de 2014, em primeiro turno).

Além de autor da proposta, a ação do governador foi fundamental na aprovação da lei na Assembleia Legislativa. O projeto, rejeitado pelos professores e por outras categorias, visa à mudança da fonte pagadora de mais de 30 mil beneficiários para o Fundo Previdenciário. A proposta prevê uma divisão da conta com os próprios servidores, visto que o fundo é composto por recursos do Executivo e do funcionalismo, o que gera temor por parte dos servidores, os quais alegam que a utilização do fundo da Paraná Previdência causará um desequilíbrio nas finanças do estado, implicando diretamente no futuro da empresa.

Na tentativa de evitar a aprovação da lei, professores estaduais entraram em greve, e, apoiados por outras categorias, buscaram reivindicar seus direitos em uma manifestação, antes da votação na Assembleia Legislativa do Paraná. As manifestações se mantiveram até a segunda votação do projeto, que foi adiada devido ao grande movimento por parte dos manifestantes. No dia 29 de abril, quarta-feira, o projeto de lei foi aprovado em redação final e aguardava a sanção por parte do governador Beto Richa. Na tarde de quinta-feira, 30, o governador aprovou o projeto de lei.

Porém, foi no dia 29 de abril que ocorreu o que alguns jornais e noticiários chamaram de “confronto” entre professores e policiais militares. Durante a manifestação, os ânimos se acirraram entre os policiais militares e os integrantes do protesto. Em função disso, os policiais militares acabaram utilizando gás, spray de pimenta e balas de borracha, na tentativa de dispersar os manifestantes, que ocupavam um espaço em frente à Assembleia Legislativa. A informação defendida pelos policiais é que eles receberam ordens para avançar contra os manifestantes.

O conflito resultou em 213 pessoas feridas em mais de duas horas de tumulto. Ainda, segundo estimativa da Secretaria de Segurança Pública, 20 policiais ficaram feridos durante o confronto. Além disso, a atuação da PM, que protagonizou cenas de repressão aos participantes

da manifestação, se mostraram, segundo o Ministério Público Federal, incompatíveis com uma noção de Estado Democrático de Direito, além de causar uma comoção nacional e internacional em empatia aos professores e apoiadores do movimento.

Em entrevista, Beto Richa atribuiu o confronto aos *black blocs* e afirmou que não foi o responsável por autorizar a coerção policial. Todavia, um vídeo em que pessoas que estavam dentro do Palácio Iguaçu comemoravam a ação dos policiais foi divulgado na internet e corroborou com a ideia de que a iniciativa de repressão partiu do Governador.

Como resultado de tal violência e imposições, no feriado do Dia do Trabalhador, em frente à Assembleia Legislativa do Paraná, os manifestantes voltaram às ruas para protestar contra a opressão e truculência do Estado. Dentre os manifestantes, foram visualizados diversos cartazes contendo textos que criticavam o governador e suas atitudes enquanto figura máxima do poder do Estado. A partir desses cartazes, foram escolhidas para este trabalho duas materialidades linguísticas que se utilizam do nome do Governador para significar o ocorrido durante estas manifestações.

Análise e Interpretação

As manifestações no Paraná giraram em torno de uma figura central, Carlos Alberto Richa, Governador do Estado, mais conhecido como Beto Richa (nome adotado pelo próprio político para se autodesignar). Chamamos a atenção para a abreviatura de seu nome, porque é a partir destas materialidades que surgirão novas materialidades discursivas.

A partir de uma semelhança sonora constrói-se um jogo entre as materialidades, em que a troca de um fonema por outro interfere diretamente no efeito de sentido que podem causar. Logo, para o sintagma “Beto Richa”, surgem “Beto Hitler” e “Beto Lincha”. Tem-se /'betu/ /'xiʃa/, /'betu/ /'xitler/ e /'betu/ /'linʃa/, materialidades em que se apresenta um jogo entre os fonemas das materialidades, que, para além de um rompimento da estrutura, configura uma deriva nos efeitos de sentido autorizados a circular a partir do nome Beto Richa.

Percebe-se que /'betu/ mantém-se nas construções; porém, há um rearranjo na estrutura do sobrenome, em que /'xiʃa/ passa a ser /'xitler/. A primeira sílaba mantém-se, mas verifica-se que, na sílaba seguinte, há um processo paradigmático (de substituição) no que diz respeito aos fonemas que compõem a segunda sílaba do seu sobrenome, uma vez que /ʃa/ passa a ser /tler/. Da mesma forma, entre /'xiʃa/ e /'linʃa/, há, também, um rearranjo; porém, o jogo fonético se dá entre as primeiras sílabas das materialidades, em que /'xi/ passa a ser /'lin/.

Esse jogo só é possível porque a língua é passível de romper-se e rearranjar-se, isto é, a língua, enquanto sistema aberto, permite essa ruptura, o que podemos verificar nas materialidades em análise. É importante salientar como este rearranjo incide na cadeia significativa do discurso, o que veremos a seguir. O mais importante, então, são os efeitos de sentido que derivam da reorganização dos elementos linguísticos, mostrando o funcionamento da ideologia.

Essa nova organização do enunciado incide sobre a cadeia significativa, de modo que há pontos de deriva de sentido, isto é, os desvios abrem caminho para a historicidade envolvida nestas materialidades. É importante salientar que enquanto Richa remete ao Governador, Lincha e Hitler também incidem na cadeia significativa, pois semanticamente significam algo e passam a reorganizar o imaginário sobre o governador do Estado do Paraná, instaurando um novo processo de significação.

Pode-se perceber que no jogo fonético mantém-se sempre uma sílaba do sobrenome do Governador. Em Lincha, permanece a segunda sílaba; em Hitler a primeira. Logo, apesar da ruptura no fio condutor, as materialidades voltam para a figura central das manifestações.

Dessa forma, percebem-se as derivas de sentido produzidas por essa ruptura. Lincha nos remete ao verbo *linchar*, que por sua vez origina-se da Lei de Lynch, que foi concebida por William Lynch (1742-1820), um capitão e fazendeiro americano que criou, a partir de um acordo feito com seus vizinhos, um tribunal privado, no qual tinha o poder de julgar, condenar e matar, por meio de processo sumário, os que praticassem crimes dentro da comunidade. Em português, o verbo significa “Executar um criminoso, verdadeiro ou suposto, sem formação de processo e tumultuariamente, pela multidão, segundo o método instituído por Lynch, nos Estados Unidos” (FERREIRA, 1999, p. 1216).

Ao jogar com o sintagma *Hitler*, faz-se necessário resgatar na história a figura a qual esse nome remete, ou seja, é necessário compreender qual deriva de sentido é produzida neste enunciado. A materialidade nos remete ao líder nazista, Hitler, que acreditava que a construção de uma nação forte e próspera dar-se-ia ao vetar a diversidade étnica em seu território. Além disso, Hitler é tomado como o maior representante de líder de um regime totalitário, no qual a opressão atinge seu estado limite, não sendo garantida a liberdade para os cidadãos que nele estão inseridos.

O ditador Adolf Hitler, na Alemanha, acreditava na existência de uma raça pura, os chamados arianos. Para obter sucesso em sua obra, ele criou uma rede de crematórios para a execução em massa de judeus, ciganos e outros povos considerados por ele “indesejáveis”.

Ficou conhecido como um dos maiores vilões da história, por liderar uma guerra que durou vários anos e por suas atitudes racistas e cruéis.

Através dessa breve retomada dos efeitos de sentido vinculados aos elementos linguísticos “Lincha” e “Hitler”, podemos compreender como elementos do interdiscurso, provenientes de outro lugar dessa “memória do dizer”, irrompem no funcionamento discursivo de modo a instaurar um novo gesto de interpretação para o governador Beto Richa. Sendo assim, o governador passa a ser representado diferentemente, vinculado a saberes provenientes de outras formações discursivas (outras “regiões” do interdiscurso).

Assim, as materialidades “Hitler” e “Lincha” chamam atenção para ações de governantes, as quais configuram uma forma de governar extremista e radical. Essas formas de governo compreendem ações violentas e indiferentes à opinião do povo. Ao evocar essas materialidades, destacam-se as ações produzidas nos protestos, a violência e falta de diálogo entre manifestantes, polícia e governantes, o que culminou no que alguns chamaram de “banho de sangue”.

Ainda, o jogo fonético imbricado nessas materialidades compreende a noção de equívoco, pois há uma quebra no fio condutor do discurso, ou seja, as materialidades evidenciam a ruptura que há no ritual, uma vez que o encontro entre o sujeito do discurso, a língua (Beto Richa) e a história (condições de produção “amplas e restritas”) pode instaurar uma nova representação do governador.

Os sentidos produzidos por esses desvios (enquanto estranhamentos que ganham existência material) são compreendidos pela AD como equívocos e estabelecem pontos de deriva dos enunciados, uma vez que, a partir de gestos de interpretação, poder-se-á apreender sua historicidade. Logo, nestes discursos não há uma univocidade de sentido, pois o equívoco abre espaço para rupturas com e sobre os sentidos, sendo possível a emergência do discurso-outro (oriundo de outra formação discursiva) no discurso já institucionalizado.

É possível, a partir de “Beto Richa”, surgir “Beto Hitler” e “Beto Lincha”, o que a Análise de Discurso compreende como acontecimento enunciativo, em que a nova posição-sujeito traz para o interior da identidade a alteridade que provoca um estranhamento (INDURSKY, 2007, p. 170).

Esses elementos, além de desordenar o enunciado, quebram a ordem esperada. Neste caso, o rompimento da ordem da materialidade “Beto Richa” causa um estranhamento e configura um desvio no efeito de sentido.

O surgimento de “Beto Hitler” e “Beto Lincha” se distancia do que era esperado, o que pode ser considerado como uma estratégia discursiva, em que esses elementos intradiscursivos nos remetem a outros elementos interdiscursivos. Isso significa que a materialidade discursiva nos remete a uma memória discursiva, sendo fundamental resgatar na materialidade histórica os saberes que permitem compreender o porquê de, nesta dada situação, haver um rompimento da linearidade do discurso.

Visto que o Governador é conhecido como Beto Richa, ao evocar a figura dele, seria natural a utilização de seu nome. Todavia, percebe-se que há um rompimento da ordem prevista, o que incide nas materialidades, que podem ser consideradas ex-cêntricas, pois chamam atenção para o que se situa fora do enunciado.

Desta forma, a partir da falha no ritual pode-se verificar uma falha na interpelação do sujeito, que, neste caso, questiona a formação discursiva dominante, aquela que representa os saberes com os quais o governo do Paraná se identifica, e coloca em circulação saberes de uma formação discursiva antagônica. Logo, o conceito de Formação Discursiva compreenderá todo o processo a partir do qual as materialidades surgiram.

Considerações Finais

Ambas as materialidades materializam uma relação de conflito entre saberes antagônicos, oriundos, portanto, de diferentes formações discursivas, e isto se dá a partir de condições de produção estritas e amplas, isto é, chamam atenção para o que se situa fora do dito, e que é de extrema importância para a produção de sentido.

Temos “Beto Richa”, Governador do Paraná, e ainda temos “Beto Hitler” e “Beto Lincha”, para fazer referência a um mesmo sujeito. As marcas linguísticas materializadas nos sintagmas destacados evocam ideologias repressivas, uma vez que lançam luz sobre ações de governos controladores e indiferentes aos direitos e opiniões do povo.

A violência e a limitação presentes nos protestos culminaram na produção dos cartazes que veiculam as materialidades. Essas condições de produção serviram de mote para a produção dos diferentes sentidos produzidos pelos sintagmas analisados.

REFERÊNCIAS

ERNST, Aracy Graça. A falta, o excesso e o estranhamento na constituição/interpretação do corpus na/da Análise do Discurso. *IV SEAD – Seminário De Estudos em Análise do Discurso*, Porto Alegre, 2009.

- FERREIRA, Aurélio de Holanda. *Novo Aurélio Século XXI: o dicionário de língua portuguesa*. 3.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- GADET, Françoise; PÊCHEUX, Michel. *A língua inatingível: o discurso na história da linguística*. Tradução Bethânia Mariani e Maria Elizabeth Chaves de Mello. Campinas: Pontes, 2004.
- INDURSKY, Freda. Formação discursiva: essa noção ainda merece que lutemos por ela? In: _____; LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina. (Org.) *Análise do Discurso no Brasil: mapeando conceitos, confrontando limites*. São Paulo: Claraluz, 2007. p. 163-172.
- LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina Leandro. *Da ambigüidade ao equívoco: a resistência da língua nos limites da sintaxe*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, SP: Pontes, 1999.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. *Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos*. Campinas: Pontes, 2005.
- PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução Eni Puccinelli Orlandi [et al.]. 2. ed. Campinas: Editora Unicamp, 1995.
- PÊCHEUX, Michel; FUCHS, Catherine. A propósito da Análise Automática do Discurso: atualizações e perspectivas. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (Org.) *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Tradução Péricles Cunha. 3.ed. Editora Unicamp, 1997. p. 163-252.

Artigo recebido em setembro de 2015.
Artigo aceito em outubro de 2015.